

DERRIDA, JACQUES. ESSA ESTRANHA INSTITUIÇÃO CHAMADA LITERATURA: UMA ENTREVISTA COM JACQUES DERRIDA. TRADUÇÃO DE MARILEIDE DIAS ESQUEDA. REVISÃO TÉCNICA E INTRODUÇÃO DE EVANDO NASCIMENTO. BELO HORIZONTE: EDITORA UFMG, 2014. 118 P.

*Alcides Cardoso dos Santos**
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Essa estranha instituição chamada literatura é o título da entrevista realizada por Derek Attridge com Jacques Derrida e publicada no volume intitulado *Acts of Literature* (Routledge, 1992), a qual agora recebe cuidadosa tradução de Marileide Dias Esqueda e uma competente introdução de um dos maiores especialistas na obra de Derrida no Brasil, Evando Nascimento. O volume vem à luz pela Editora UFMG, que também publicou *Torres de Babel*, de Derrida, e *O Islã e o Ocidente: encontro com Jacques Derrida*, de Mustapha Chérif.

Um dos pontos positivos que podemos destacar nessa publicação é a sua legibilidade. A tradutora manteve ou inseriu vários trechos do original para que o leitor pudesse confrontar as escolhas tradutórias, o que é um procedimento louvável para um tradutor, sobretudo ao traduzir uma escrita como a de Derrida, que em certos textos pode apresentar uma complexidade tradutória que exige erudição, habilidade e conhecimento da obra derridiana. Ao leitor comum, o texto tem o mérito de proporcionar uma leitura fluente, sem aqueles tão conhecidos trechos “obscuros” que geralmente resultam de inépcia dos tradutores.

Marileide Dias Esqueda pertenceu ao projeto “Traduzir Derrida”, coordenado pelo professor Paulo Ottoni, do Departamento de Linguística da Unicamp, projeto que não somente produziu traduções importantes de textos de Derrida como também desenvolveu uma reflexão importante sobre as complexas relações entre a tradução e a desconstrução. Outro resultado desse relevante projeto foi produzir tradutores à altura da obra de Derrida, isto é, com o treino necessário para atuarem como tradutores, mas também com a bagagem necessária para traduzirem os textos derridianos.

E o que há de tão complexo em traduzir Derrida?

Tendo produzido em vida uma reflexão que se ocupou do duplo mister de herdar e repensar as bases filosóficas, religiosas, políticas e sociais do Ocidente, Jacques Derrida se entregou a tal tarefa do início de sua produção acadêmica, na segunda metade da década de 1960, até seu falecimento, em 2004.

* alcides@fclar.unesp.br

Tarefa tão impossível quanto necessária, a desconstrução – tão amiúde confundida com a simples destruição – foi o nome dado a essa reflexão que, no esteio de Heidegger, propunha-se a repensar os fundamentos do conhecimento no mundo ocidental, com mais ênfase dada à filosofia, mas abrangendo campos tão distintos quanto a estética, a religião, a política, a ética, o direito e, certamente, a literatura. Por meio da releitura de textos fundadores como os de Platão, Rousseau e Saussure, entre tantos outros, Derrida mostra como esses fundamentos não questionados da cultura ocidental se alojam nas filigranas da língua, na oposição mesma entre a fala e a escrita, e que uma língua jamais será única, idêntica a si, uma língua será sempre mais de uma, como vemos em *Torres de Babel*. Percebendo na literatura a capacidade de “abalar os limites da língua”, Derrida traz esse tipo de acontecimento para o interior de sua escrita na forma de um elaborado trabalho com o léxico e sobretudo com a sintaxe, sendo o exemplo mais clássico desse procedimento o termo “*différance*”, criado por ele para mostrar como a crença na anterioridade da fala sobre a escrita, assim como outras oposições hierarquizadas da cultura ocidental, é um pressuposto de valor heurístico, cujos fundamento e funcionamento precisam ser pensados.

De forma sintética, podemos dizer que a desconstrução – ou as desconstruções, como preferia o próprio Derrida – se ocupou integralmente da questão da alteridade, e os “outros” com os quais dialogou permitiram ao filósofo desenvolver uma reflexão que, questionando os fundamentos sobre os quais se assentam os saberes, aventurou-se arriscadamente por entre áreas do conhecimento estabelecidas, não se reconhecendo em qualquer deles mas assumindo inquestionavelmente a herança de seus traços e suas marcas.

A literatura talvez seja o outro mais importante na desconstrução derridiana, não somente pelo interesse do filósofo pelo literário, que pode ser visto em seus textos sobre escritores como Joyce, Ponge, Genet, Kafka, entre outros, mas também pelo fato de que, estando historicamente dissociada da verdade, a literatura como instituição recente no mundo ocidental permite ao escritor dizer tudo ou qualquer coisa, sem poder ser julgada ou acusada. É justamente nessa instituição sem compromisso político, ético ou legal que Derrida enxerga a mais alta forma de responsabilidade, aquela que é correlata da liberdade plena de poder dizer tudo.

As questões elaboradas pelo entrevistador abordam diferentes aspectos dessa instituição, como a “essência” da literatura, os “pressupostos metafísicos” dos textos literários e da leitura, a leitura como contra-assinatura do leitor, o horizonte histórico-político dos textos, a “desconstrutibilidade” do texto, a escrita ficcional e a crítica, e a escrita e a “escritura”. Derrida, como era de seu feitio, responde às questões com reflexões instigantes que, mais do que dar respostas, coloca outras tantas questões como sequência à pergunta realizada, o que, longe de causar confusão ao leitor, abre caminhos raros e ricos ao pensamento, ao questionar os pressupostos axiológicos da teoria e da crítica literária e propor a reflexão do acontecimento do literário como transbordamento dos limites criados pelo pensamento científico e mesmo pela literatura como instituição.

Como bem ressalta Evando Nascimento, a reflexão de Derrida sobre a literatura assinala seu duplo caráter de revelação do mundo aos homens e, no mesmo gesto, de seu encobrimento, de seu recolher-se ao seu segredo, o que permite que seja estudada, discutida e mesmo classificada, mas também faz com que seu evento, seu acontecimento

e seu segredo jamais possam ser exauridos ou mesmo conhecidos plenamente. Tal transbordamento é o que faz da literatura uma forma de desconstrução, levando Derrida a afirmar que o texto literário já é desconstrutor na sua estrutura e que o trabalho da desconstrução do texto literário é inseparável do prazer que habita o literário, tanto na sua produção quanto na sua leitura. Prazer como transbordamento, essa a lição aprendida com Freud que Derrida traz para a sua reflexão sobre o literário.

Pensado nesses termos, o literário opera, nos limites da sua revelação e do seu segredo, no seu transbordamento das fronteiras e no seu prazer, suas desconstruções dos fundamentos da cultura ocidental, sobretudo do falocentrismo, isto é, da oposição hierarquizada entre o masculino e o feminino que governa a cultura ocidental há séculos. O texto literário também opera a desconstrução do logocentrismo – a concepção de que a razão é o motor autossuficiente do pensamento e da vida. Derrida percebe a inseparabilidade desses dois aspectos fundantes da nossa cultura, os quais, em muitos de seus textos, ele nomeou como falogocentrismo. O acontecimento da literatura, a literatura como acontecimento, tem a capacidade de abalar o falogocentrismo da cultura ocidental, até mesmo em textos que aparentemente trazem a herança falogocêntrica mais claramente estampada em sua fatura.

São essas as reflexões que estão no centro de *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jaques Derrida* e que fazem desse pequeno livro um ótimo convite a que se discuta a literatura, sobretudo na contemporaneidade, em que formas e suportes novos retraçam os contornos e recolocam as fronteiras do literário. Se a era da internet e das novas tecnologias digitais pressagia o fim do livro tal como o conhecemos, com certeza a reflexão sobre o literário que esse livro nos traz permanecerá instigante e atual, pois, como o próprio Derrida afirmou – embora tenha havido tanto equívoco em torno dessa afirmação –, “não há o fora do texto”.



Recebido em 28 de maio de 2015
Aprovado em 28 de junho de 2015